

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXVIII



COIMBRA 1993
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

MISCELÂNEA

O REGENTE D. PEDRO E CASTELA: UM DOCUMENTO DO MUSEU BRITÂNICO

Entre as várias colecções de documentos históricos portugueses existentes no Museu Britânico (British Library) distingue-se pela mera quantidade a grande série de tomos adquiridos em 1855 no leilão da biblioteca do antigo ministro e embaixador Sir Charles Stuart (Lord Stuart de Rothesay). Abrange os números Add. Ms.20785 a 21446 (com excepção do 21404). O Ms.Add.20958 é uma miscelânea de originais e cópias dos séculos XV a XVIII, em diversos tipos de papel e de letra, reunidos numa boa encadernação que parece portuguesa. O tomo foi descrito pelo Conde de Tovar no seu *Catálogo dos manuscritos portugueses*, Academia das Ciências, Lisboa, 1932, onde menciona que Prestage encontrou ali o documento que publicou no *Arquivo Histórico*, IX, 1914, "Uma crítica contemporânea à Chronica de Dom Manuel de Damião de Góis". Da centena de diversos documentos que compõe o tomo apenas meia dúzia se referem à época medieval, sem conexão aparente entre si. Nas folhas 10 a 13 (números do catalogador do Museu escritos a lápis) vem a "Cópia duma Carta escrita ao Infante D. Pedro Duque de Coimbra pelo Conde de Abrantes (*sic*) com notícias pormenorizadas de Castela, onde se encontrava. A letra parece do séc.

XV" (1).

O título que leva a carta precisa que se trata duma "Cópia antiga", repetindo o erro: "mandou o Conde de Abrantes estando em Castela." A versão que temos é portanto cópia duma cópia, como aparece no final, onde lemos: "Trellado das novas que o Conde envjou ao Yfante dom Pedro" e "Tralado não authenticico de hua carta das novas que o Conde enviou ao Yfante dom Pedro dos Reys de Castella e particulares do mesmo Reyno".

A carta é de Álvaro Vaz de Almada, que recebeu em 1445 do rei da Inglaterra a ordem da Jarreteira, ocupando a cadeira vaga pela morte do duque de Somerset (Beaufort) em 27 de Maio de 1444, sendo o único português fora da família real a ser honrado por esta forma. Avranches é uma aldeia perto do Mont Saint Michel, fragmento do antigo ducado de Normandia que pertencera aos reis da Inglaterra. As circunstâncias das duas concessões são desconhecidas, mas é lógico supor que foram solicitadas por Dom Pedro, patrono e amigo de Álvaro Vaz desde a conquista de Ceuta, se não antes.

Não houve conde de Abrantes antes de 1471, quando D. Afonso V deu o título a D. Lopo de Almeida (2).

A confusão dos nomes, portanto, só podia acontecer desde fins do século XV. A data do documento estabelece-se pelas referências às cortes de Burgos de Setembro de 1441, tão pormenorizadas que não há questão da veracidade das informações que regista. Os factos narrados concordam perfeitamente com o que se sabe das pessoas e dos acontecimentos. O sentido de "não autêntico" não afecta o conteúdo do próprio documento. Na peça precedente da mesma colecção a frase "traslado autêntico" parece afirmar que está certificado como cópia exacta, o que não é o caso com a carta de Álvaro Vaz de Almada. O facto de possuímos a carta em terceira ou quarta mão pode explicar algumas incongruências ortográficas,

(1) Tovar, 139.

(2) A. Caetano de Sousa, *Memorias Historicas, e Genealógicas dos Grandes de Portugal*, 2.^a ed., Lisboa, 1755, 267.

sem afectar o sentido da mensagem transmitida ao Regente.

No seu vasto e compreensivo estudo sobre a Regência de D. Pedro sob o simples título de *A Batalha de Alfarrobeira*, o Dr. Humberto Baquero Moreno, que amavelmente me ofereceu um exemplar da edição de Lourenço Marques, explorou os recursos arquivísticos peninsulares e alguns de França para apresentar um quadro completo dos antecedentes da fatal campanha na qual pereceram Dom Pedro e Álvaro Vaz, numa resistência fútil contra as forças reais obedientes ao filho mais velho de D. João I, o bastardo Conde de Barcelos. O livro é um monumento à persistência e ao método do autor, que nos fornece o material necessário para fazer reviver todos os actores na tragédia digna de um Shakespeare. Não é estranho que escapasse à sua vigilância uma modesta cópia escondida numa obscura miscelânea do Museu Britânico. Como toda a obra de grande envergadura, *Alfarrobeira* resolve muitos problemas e, ao mesmo tempo, chama a nossa curiosidade para outros que ficam por esclarecer. Um deles é, a meu ver, a opinião que devemos formar da relação entre o Regente e o seu amigo, aderente e conselheiro. A importância do documento do Museu Britânico revela Álvaro Vaz como homem ambicioso e desejoso de aparecer como influência única sobre o ânimo do Regente, recomendando-lhe a adopção de medidas severas recordativas do pai, atitude anacrónica, pois as circunstâncias políticas não permitiriam que D. Pedro adquirisse o enorme prestígio do velho herói de Aljubarrota e Ceuta.

Fiz uso do documento para a minha contribuição ao recente congresso sobre aspectos da Aliança Anglo-Portuguesa realizado em Cambridge em Setembro de 1993 e também para um artigo sobre D. Pedro que sairá *noyrôximoxmmerodtPortugueseStudies*(n.º10,1994). Não é necessário repetir as referências já divulgadas em outro lugar. Para colocar a carta no seu contexto é preciso recordar que a Rainha D. Leonor tinha abandonado Portugal em Dezembro de 1440, sendo recebida no castelo fronteiriço de Albuquerque. Acompanhava-a no seu exílio o Prior do Crato, Nuno de Góis, com poucos mais, mas contava com a intervenção

dos seus parentes castelhanos, infantes de Aragão, D. Henrique, casado violentamente com a irmã do rei D. João II; sua irmã mais velha, Maria, casada com o mesmo rei; e irmão D. João, rei de Navarra. Mas, apesar da aparente força da família, o seu chefe, Afonso V de Aragão, estava completamente preocupado pelo seu reino de Nápoles, onde morava, e a influência da Rainha D. Maria sobre seu marido, o rei, não bastava para contrapeso ao condestável Álvaro de Luna, com uma influência sobre o espírito do monarca que passava por feitiçaria. D. Henrique, Mestre de Santiago aos nove anos, possuía a ambição e energia necessárias para defender a causa da irmã. Também tinha terras e amigos em Leão, não longe da fronteira portuguesa: a vila de Ledesma, o Conde de Benavente (seu cunhado, depois da morte da Princesa Catarina), e o Conde de Alba de Torres. D. Leonor pensava, sem dúvida, contar com o apoio de fidalgos portugueses como o marechal Vasco Coutinho, Álvaro Pires e João de Gou vêa, adictos ao Conde de B árcelos. Mas D. Pedro dera ordens para vigiar as actividades do inquieto Infante de Aragão e parece que Álvaro Vaz estava seguro da lealdade dos fronteiros portugueses. O momento de maior perigo para D. Pedro ocorreu quando D. Henrique, em conluio com o rei de Navarra, promoveu um motim em Medina del Campo para afastar Álvaro de Luna e instituir uma regência em Castela que incluía a Rainha, o Príncipe, futuro Henrique IV, o Rei de Navarra, o Almirante Fadrique Enriquez e Alba. Os autores da revolução de Maio de 1441 procuraram legalizar a nova situação pela reunião de cortes em Burgos, em Setembro. Mas o rude golpe, em vez de consolidar a influência de D. Henrique, teve o efeito de antagonizar o Conde Haro (Pedro Velasco), que tomou uma posição moderada, aconselhando a reconciliação de todos, com a devolução de terras ocupadas ou roubadas. Nas cidades de Castela, cansadas das pretensões e exigências da nobreza, havia pouco entusiasmo para dar subsídios a D. Henrique tendo em vista a restituição de D. Leonor.

Em Portugal, o Regente seguia os acontecimentos de Castela com o maior interesse, tratando de separar os rumores, que eram numerosos, dos

factos. A carta de Álvaro Vaz oferece-nos um quadro curioso da nobreza de Castela chamada ás cortes mas dispersa nas aldeias vizinhas, temerosa de entrar em Burgos por medo da pestilência que assolava a região. Álvaro Vaz, posicionado na fronteira (não se sabe se em Castela) fez interrogar os viajantes, para corrigir os rumores enviados por outros informadores do Regente. Ele mesmo não conhecia bem a topografia do país vizinho, pois confunde as duas Salvaterras, numa digressão interessante para a história local da Galiza, mas completamente alheia à questão central.

Para facilitar a leitura do documento, dou umas breves notas sobre personagens e lugares mencionados.

Castro é Castrogeriz; outros lugares da região de Burgos são fáceis de reconhecer. O conde de Pharo é Pedro Velasco, o "bom Conde" de Haro. O Príncipe é o primogénito de D. João II de Castela, futuro Henrique IV. O rei de Navarra é D. João, segundo filho de Fernando de "Antequera" e pai de Fernando o Católico, que tomou o título de rei de Navarra por ter casado com D. Branca, irmã do infeliz Carlos de Viana. D. Henrique, também filho de Fernando I de Aragão e de D. Leonor de Albuquerque, a "rica hembra", é o notório "Infante de Aragão" que morreu duma ferida recebida na batalha de Olmedo (Maio de 1445). Para a família, ver o estudo de E. Benito Ruano, *Los infantes de Aragón* (Madrid, 1952).

O marechal português é D. Vasco Fernandes Coutinho, primeiro conde de Marialva desde Setembro de 1441. Um Álvaro Pires foi escudeiro seu : B aquero Moreno conhece sete indi viduos assi m chamados (*Alfarrobeira*, 450, 655, 1164). João de Gouveia, alcaide de Castelo Rodrigo, fora partidário de D. Leonor, mas acompanhou D. Pedro, o condestável, na expedição de Castela de 1445 (*Alfarrobeira*, 825).

Entre os castelhanos a personagem mais destacada é o condestável Álvaro de Luna. O duque do documento é Fadrique Enriquez (1400-1430), neto de Fadrique, irmão mais novo de Henrique II, assassinado em Sevilha, e chefe do contingente galego que servia na conquista de Antequera: recebendo de D. Fernando o título de duque de Arjona. Mais

tarde foi detido pelo Condestável Álvaro de Luna por ter fornecido ajuda ao Rei de Navarra, e morreu no Castelo de Peñafiel em 1430. Deixou duas irmãs, Beatriz, esposa de Pedro Álvaro Osorio, e Constança, assim como o filho bastardo, Alonso, educado por João de Queixada, Senhor de Villagarcía, que recebeu como recompensa os lugares de Otero e de Castro de Rey. O Conde velho de Benavente é João Afonso Pimentel, promovido a conde em 1398; seu cliente e amigo Fernando Pérez de Andrade I, *O Bom*, era colaborador do rei Henrique II, mas o herdeiro Nuno, *O Mau* (m. em 1431), perdeu as suas terras, que foram restituídas a Fernão Pérez II, *o Moço* (1442-1470). O Almirante é outro Fadrique Enriquez, aliado do rei de Navarra e cunhado do Infante D. Henrique, que depois da morte da Princesa Catarina casou com sua irmã.

A digressão sobre Salvaterra do Minho refere-se ao conflito aberto pela morte em Tui, em 1440, de Fernão Anes ou Fernando Yáñez de Soutomaior: sua irmã D. Maria de Soutomaior casou com Ruy Sánchez de Moscoso (3*).

HAROLD LIVERMORE

DOCUMENTO

Cópia antiga de Ima Carta que ao ynfante dom Pedro duque de Coimbra mandou o Conde de Abrantes [i.é, Avranches] estando em Castela.

Senhor, enviaste-me certas novas em huum scrito das quaees primeiramente era que el-Rey de Castella estava em Castro e que nom entrava em Burgos por que se temiam os Regentes de o Conde dEstunega se levantar com elles.

(5) Quero expressaro meu apreço pela ajuda de D. Alice Estorninho, experimentada e meticulosa paleógrafa da Torre do Tombo, na leitura de várias palavras e frases para mim indecifráveis. O documento tem dois trechos, breves, onde o texto está interrompido.

O dicto senhor he em Castello de Pyones aalem de Burgos bj legoas e com elle a Rainha e o Conde de Phasrom [Haro] e nom leixa de vijnr a Burgos salvo por se temer de vijnr hj pestellença pollo ajuntamento das jentes por quanto em aquella parte poucos logares ha em que nom mouram. E todollos Senhores estam espalhados per os logares saãos e aguardam que todos que som chamados sejam naquela comarqua E entom hirem-se a B urgós e fazerem cortes o mais asi nha que poderam por nom averem destar juntos por o fecto da dicta pestellença.

Y tem o Príncipe he aalem da Ponte de Fiteiros que som biij ou x legoas atraves de Burgos.

Ytem El-Rey de Navarra nom hey por certo honde esta senom que vaj para as cortes.

Ytem vos emvjarom majs dizer que o Yfante dom Henrique [Enrique de Aragón] foy a Santa Maria de França e tomara hj certos dinheiros e sua teençom era de hjr sobre Prazença e corn temor do Meestre se tornara a Ledesma e despoys se foy correr monte a Villarinho e a outros logares acerca da Raya de Portugal e que Alvaro Perez lha avia de deitar da outra parte husos e porcos e que seu monte mais era pera veer que recado achava em alguns fidalgos de Portugal acerca do recebimento da Rainha que dandar ao monte, e que fossees certo que Alvaro Perez lhe fora fallar a Castella e que despoys o dicto yfante se hia a Çamora e dhj aa corte del-Rey.

Senhor este vos nom spreveo verdade salvo que correo monte em Vilarinho e dhj se foy a Çamora e de Çamora a casa del-Rey, E isto poderees veer que nom he verdade o que nom he verdade o que vos scpreverom per os Recados que vos enviey o primeiro foy que [f. IOv] mandara a Alvaro Perez que andasse desta parte pera frontaria com çertos de cavallo e besteiros guardando os portos della assy como o Jfante andasse da outra parte segundo mais perfeitamente veriees per a carta que vos en vjey aa qual me Respondestes que aviees por bem o por mj m hordenado e por isto creio que....(?) o que vos enviarom dizer e ao que vos disseram que Alvaro Perez lhe fora fallar a Castella poderees veer o contraire per

a outra carta que vos depois scprivj em a qual achariees como o dicto Jfante envjrou dizer a Alvaro Perez que queria envjar a mym huum scudeiro e Alvaro Perez lhe envjrou dizer que o nom fizesse que lhe seeria empachoso de o leixar passar que pois ElRey de Castella ca tynha seus embaixadores per elles podria aver sua Reposta. E pois elle nom quis consentir que nenhum do dicto Jfante passasse ca menos he de creer que lhe ouvesse djhr a fallar, ca se lhe fallara milhor lho dissera per palavra que lho envyar dizer per huum monteiro.

E parece-me Senhor que seeria muyto boom quem vos estas cousas diz e afirma mostrar-vos como o sabe

E se o achassees por certo poderiees proçeder com rigor como entendessees que compria. E se fosse myntira aquelle que a diz mereçia gram pena e vos deviees lha de dar. ca muyto mal mereçe aquelle que faz estar nosso coração duvydoso e he muyto maa de soportar aos boons cuydarem que os them sempre em sospeita se se faz por os teer sempre em temor. Jsto he ja muyto pyor de soportar queja eu vy a El-Rey vosso padre mandar queimar dous escudeiros por semelhante cousa, huum em Montemoor por o que dissera de Joam Rodriguez de Saa e o outro em Coymbra que era natural de Manteigas por cousas que assacara a Fernam dAl varez *[[f-11]]* de Queirosa e desta guisa çarraria as bocas de muytos que as teem abertas por seus jnteresses assacarem grandes mintiras.

E Senhor se vos querees aver novas amehude de Castella e certas os homeens la ham dliir pois se alguém vir l a algum portuguees de qualquer fidalgo ou cavaleiro envja vos logo dizer que nom vay la salvo por fallar com aquellas pessoas que vos avees por sospeitos e se ysto avees por empacho nom tenhaes que avees da ver novas de Castella amehude nem tam certas como avees e muy nesçyo seeria o que quisesse fallar ou mandar fallar com algua pessoa sospeitosa em desserviço dElRey que falasse com el de tal guisa que lho soubessem os de freixo Porem do Jffante nom hej outras novas depois que partio de Çamora senom que contynouo seu camynho e he ja açerca de Burgos e nom me disserom o nome do lugar.

Ytem vos emvjarom dizer que o Conde de Benavente era em desaveença com o Almirante seu tyo sobre fecto das terras de Femam Perez dAndrade que El-Rey dera ao Principe E que ouvera maas palavras com o tyo e corn elle e a versom honde dizerom que o Conde de Benavente averia grossas palavras com o Principe e com o Almirante e por verdes que o que vos taaes novas scpreveo nom as sabia bem o debate foj per esta gui sa: Femam Perez dAndrade era chegado ao Conde de Benavente padre deste por o gram divido que com el tijna ca sua madre ou avoo era jrmãa dEgas Coelho aquelle que se foy de Portugal por homjzio o qual era muj to parente de Joham Afomso Pimentel e por este divjdo requeria o Conde por elle o fecto destas terras assy como fezera seu v. padre e agora despois deste fecto de Medina requereo o Principe polla parte do Fernam Perez com ajuda do Almirante que vesse corn ell a alguma concordia e ao Principe prouege polia sopricaçom destes que elle leixava a villa de Villalva e a das Pontes deyme e Betanços sobre que a contenda era contanto que o dicto Femam Perez lhe de em ouro tres mjl dobras a tempo certo e L marcos de prata e mais ijc 1 vassallos a dom Femando de Crasto filho de dom Afomso que com o dicto Principe vive e peresta guisa foy o debate çerrado.

Ytem se contijnha mais em vosso scprito que dom Joam filho do Condestabre era entregue ao Conde de Benavente e lhe trauctavom casamento com a filha do Conde de Pharom.

Ytem ja vos scprivi em çima como era entregue a seu tyo e porque morrem em Benavente se partyo a molher do Conde e sua irmãa com o dicto moço pera huum logar que chamom Crasto Goncallo e o que me trouxe as novas os achou no camjnho vijjndo da corte dEl-Rey de Castella E quanto he ao casamento nom o sabia bem o que vo lho scpreveo pero o Almirante them huu m fi lho e hua filha esposados com ou tro fi lha e fi lha do Conde Pharom E trautam lhe ora casamento deste moço pera outra filha do dicto Almirante.

Y tem era mays contheudo no dicto scprito que nos trauctos de Medy na foy mandado que tomassem Salvaterra ao Conde dAlva e que o Yffante

dom Henifique nom lha quer restetuyr e que o Conde de Pharom them grande escandallo por nom entregarem as terras a seu sobrinho e que tambem he hua pouca de discordia antre o Yfante e alguuns cavalleiros

Eu nom sey outra Salvaterra salvo esta de Riba do Mynho nem ouvj dizer que o Conde dAlva fosse parente do Conde de Pharom quanto e ao de Salvaterra soyaa de teer Femam Anes e depojs de sua morte foj dada ao Conde Rodrigo de Vilhandras [f. 72/oqual deu o carrego dellaaPaayo Rodriguez dAraujo e lhe deu mais huum castello que chamom Asperello pera seu filho. E o dicto Paay Rodriguez probicou as cartas dEl-Rey a huum Ruj Trancoso que them a dicta villa por Fernam Anes e nom curou das cartas nem lha quis entregar. Agora veo hj a molher de Fernam Anes e nom na recebeo se nom com dous creligos e pera trautar com o dicto escudeiro veo a Tuy Rodrigo de Moscoso e trouxe bij scudeiros e xiiij homeens de pee e tornou se sem fazendo cousa agora ha molher do Femam Annes estando em Tuy mandou cento e tantos homeens de pee pera escallarem o dicto logar e o Ruy Trancoso com outros scudeiros que com elle stavom vellarom bem o logar e nom pode seer escallado o outro di a pel l a menhaa os di ctos homeens de pee combaterom o logar e a molher de Femam Annes se veo hj de Tuj com b ou bj de cavallo e mandou que nom combatessem e disse ao dicto Ruj Trancoso que bem sabia como tijnha menajem facta per o dicto logar a Fernam Annes e per conseguinte a seu filho que lhe requeria que lhe entregasse o dicto logar e respondeo que o nom faria porquanto tijnha a menagem facta por elle a El-Rey pois Femam Annes fora morto. E entom se partio ella com todallas jentes. Afirmarom magora que o Ruj Trancoso ficara de dar o logar ao dicto Conde Rodrigo veendo carta dEl-rey pera ello comtanto que ell tevesse o logar por o dicto Conde como o tijnha por Fernam Annes e lhe fosse dada aquella teenca que elle avja da casa de Souto Mayor e he recado ao Conde sobre iso. E dizem que a molher de Fernam Annes o que tomar per esta guisa da maa do Conde. E assy Senhor o que vos scprivia as novas que se juntarom jentees em Galliza majs entendo que o scpri vam por o seu interesse que por dizer verdade porque outras jentes nom forom la juntas

salvo as que dicto hej e quanto he aa discordia do Jfante e fidalgos [f. 12 V.] nom no ouvj salvo que o Almirante se partía agora de Burgos honde estava a concordar dous fidalgos que eram em grande debate sobre montados e o Conde dEstunega era no dicto logar de Burgos destinada.

Ytem Pedral varez de Soiro Senhor de Cabreira tomou Villa Franca ao Arçebi spo de S an ti ago que foy do Duque dizendo que sua molher era herdeira em ella e rende bem o dicto logar çento e Ix mjl maravjdis de Castella.

Ytem por morte do Duque ficou hum seu filho bastardo pequeno em poder de Joham Queixada e depois de Goterre Queixada seu filho e lhe foram ora dadas iij ou b pobras em Galliza do Condado per que podera manteer dizem xb ou xx de cavallo e vijndo pera casa do bispo de Mondanhedo seu primo foj retheudo em terra do dicto Peralvarez per b dias entom mandou por elle o dicto Peralvarez que he casado com hña jrmã do Duque e dizem lhe deu L marcos de prata em baixella e hum cavallo e hua mulla e outras cousas e leixou o hjr... que toda a terra do condado o reçeba por senhor o que em elle

Ytem o Conde de Benavente he em Revenga xij legoas de Burgos e foy doente de febre e dizem que ja se sentja melhor

Ytem quanto he ao da Rainha [D. Leonor] que vos enviaram dizer que estava gastada assy o ouvj pero disserom me que deste pedido que ora lancaram lhe aviam de dar pera seu refazimento e emquanto asy esta era tempo convinavel de trautar com ella

Ytem no dicto scrito era mis contheudo que alguuns cavaleiros asy como era o Marechal Alvaro Perez e Joham de Gouvea eram per parte da Rainha e se carteavam com ella e que os da dieta Senhora se andarom gavando que ela tijna ca bij ou biiij fortellezas a seu mandar [f 13]. Eu senhor averia os da dieta Senhora por muj sandeus se se de tal cousa andassem gavando seendo verdade mas creio que jsto vos seprevem por nom teerem que vos seprever e por se mostrarem muyto vossos servidores segundo em çima dicto hej E o e seria muy boo(m) saberdes desto a verdade segundo em çima dicto hej E quanto e ao d AI varo Perez som certo que elle

nem suas fortellezas nom seram senom a serviço del Rey e ao quail segundo lhe per mjm foi mandado

Y tem me enviastes majs dizer que o Marechal emvyava hua carta aos embaixadores que ora veerom de Castella a quali foy achada e que se contijnha em ella que elles veessem seu passo a passo e se detevessem vijndo de guisa que elle podesse seer primeiro em casa do senhor Yfante dom Henrique e tanto que elle soubera que o sal vo conduto lhes era dado que o dicto Marichal me scprevera que scprevesse ao dicto senhor Ifante dom Henrique sobre ello e que a minha resposta avya dhir a ell e por esto lhe prazeria da deteença sua per meu conselho e o seu concordaram ambos ca dom Pedro nom avja dachar resposta e vos salvo a que de ca fosse e que lhe rogava que lhe enviasse logo resposta porque lhe prazeria muyto fallar com elle se logar e tempo podesse aver

Senhor eu nom entendo que scritos ou que cartas estas ouvessem de scprever som bem çerto que o dicto Marichal me nom scpre veo sal vo esta carta que vos aquy dentro envjo pera que poderees veer muyto o contraíra do que me dizer emvjaaes e se bem a eiseminardes o que com elles falou era majs vosso serviço que outra cousa e ajnda a guisa dhomem avjsar do que cobijçava serviço dEl Rey e vosso e parece me se lhes algua cousa *[f.13v.J* envjara dizer ou a mjm algua cousa fezera ou mençom em esta que vos asy envjo das ditas cousas ou cada hua delias porque esta era a postumeirae os embaixadores eram ja partidos de casa do senhor Yfante dom Henrique e delle E portanto entendo que a dieta carta que assy foy achada era falssa e contrafecta e nom posso desto cujdar senom o que vos per mujtas vezes disse seprivi e ajnda agora seprevo que o que vos taaes cousas sepreve ou envja dizer nom o faz senom por se congraçar comvosco e por seu ynteresse e nom por amar vosso serviço e porque me parece que em alguuns teendes duvjda se algum destes dovidosos vosso carrego tem tiraae lho e ficara nossa voontade e assy sera vossa voontade folgada

trellado das novas que o Conde envjou ao Ynfante dom Pedro

Tralado não authenticico de hua carta das novas que o Conde inviou ao Ynfante dom Pedro dos Reys de Castella e particulares do mesmo Reyno